

Prezada State Grid

REGO, Milton. "Prezada State Grid". Agência Canal Energia. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2017.

Tenho ouvido falar bastante de vossa empresa e de seu crescimento no mundo todo. Quero crer que seja bem-intencionada, já que está investindo no Brasil. Sua mais recente aquisição foi a compra da fatia dos controladores da maior empresa privada do setor no Brasil, a CPFL Energia, em um negócio que gira em torno de 25 bilhões de reais. Aliás, sendo uma empresa estrangeira, a senhora caminha para se tornar a maior investidora privada do setor de energia no Brasil depois das estatais Eletrobras e Cemig, situação peculiar em relação ao arcabouço legislativo de muitos países.

Dada sua evidente contribuição para a economia nacional, voltemos à minha motivação para escrever estas linhas: a construção do segundo "linhão" da usina de Belo Monte, que ligará a região Norte a Sudeste do país. Em recente declaração à agência de notícias Reuters, a senhora disse que foi necessário importar condutores e transformadores que não poderiam ser produzidos por fabricantes locais.

Bom, ao ter conhecimento de sua declaração, me vi no dever de ajudá-la a reparar tal engano. Ao menos, a respeito de cabos, segmento sobre o qual posso discorrer dado meu contato direto com os fabricantes nacionais. Com todo o respeito, preciso dizer que a senhora está seriamente enganada. Nossa produção de cabos de alumínio para transmissão de energia é dotada de alta tecnologia, seus produtos estão no que podemos chamar de verdadeiro 'estado da arte' e competem, em quaisquer mercados, com fabricantes asiáticos e europeus.

As companhias brasileiras têm plenas condições de atender à demanda de vossa empresa, seja com qualidade e tecnologia como com prazos e capacidade de produção. O que, aliás, temos de sobra. Para se ter uma ideia desse potencial, em 2015, a produção nacional de cabos de alumínio foi de apenas 2/3 de sua capacidade instalada, que atualmente é de 151 mil toneladas.

Não deixamos a desejar a nenhum fabricante de outros países e ainda utilizamos energia limpa, ao contrário de muitos outros países, que fazem uso do carvão – o mais poluente de todos os combustíveis fósseis. Ele responde por quase um terço das emissões de CO2 do planeta, resultando em prejuízos para o meio ambiente, para a saúde das pessoas e para a própria sobrevivência da vida no planeta. Um tema tão relevante, objeto de acordo entre diversas nações em todo o mundo (Acordo de Paris) deveria ser levado em consideração na compra de produtos manufaturados de alumínio para qualquer utilização. A senhora, como líder do mercado de transmissão de energia, deveria indicar a sua preocupação com a sustentabilidade do alumínio que está nos cabos de transmissão.

Claro que é razoável que a senhora queira colaborar com o crescimento de empresas fornecedoras chinesas, a exemplo do que tem ocorrido em diversos mercados nos quais tem investido fortemente no setor elétrico, tais como Myanmar, Paquistão, Etiópia e Quênia. Acompanhando o que aconteceu nesses países vemos, em um primeiro momento, investimentos chineses no setor de transmissão e

distribuição de energia e, logo em seguida, a importação de cabos dos fabricantes chineses. Esses países não produzem cabos de alumínio, eu sei, mas a importação não foi de nenhum outro fabricante internacional, o que me faz pensar que o investimento acabou sendo condicional à compra dos insumos.

A China é hoje o principal player de toda a cadeia de alumínio do mundo. De 2010 para 2015, o país simplesmente dobrou a sua produção. Hoje, das cerca de 55 milhões de toneladas produzidas e consumidas no planeta, a China é responsável por mais da metade: 31 milhões de toneladas no ano passado. Só para comparar com o Brasil, a cada dez dias, a China produz mais do que todo o alumínio que fabricamos em um ano.

Assim, as empresas chinesas, pelo papel que desempenham no mercado mundial das commodities metálicas, têm o dever de ser um instrumento de fair trade, de inibir práticas de concorrências desleais e de reforçar critérios de desenvolvimento sustentável. Dessa forma, as empresas brasileiras são muito mais competitivas e capazes de serem parceiras confiáveis nos seus projetos.

Diante do que expus, e levando-se em conta o atual momento econômico que enfrentamos, quero crer que a senhora irá repensar sua declaração e fortaleceremos nossa parceria para esta e obras futuras. Afinal, quando escrevo aqui estou representando empresas que já fizeram os investimentos necessários em suas plantas para atender esta demanda, empregando mais de três mil trabalhadores diretos plenamente habilitados, preparados para atendê-la de forma competente e eficaz.

Certo de sua compreensão,

Milton Rego, Economista, Engenheiro Mecânico e Presidente Executivo da Associação Brasileira do Alumínio (ABAL).